Zéluizmorales

DO REINO DE OSÍRIS

1° Edição

Belém, PA
Edição do autor
2011

SUMÁRIO

PARTE - I - DO REINO DE OSÍRIS

PREÂMBULO.....4
I - Um pouco do autor.....7
II - Busca pela espiritualidade..... 9
III- Do Reino de Osíris.....23
IV- Quando os mortos falam.....37
- Um espírito perseguidor.....38
- O pastor e sua congregação.....43
- Uma religiosa decepcionada.....47
- Os que conversam com os mortos.....49
- Sacerdotes da escuridão.....51
- A "gang" dos dragões.....54
- Perseguição implacável.....62
- O que é a verdade?.....70
- O resgate dos escravos.....72
- O guerreiro.....74
V - Conclusão
- Conhecendo as forças da Natureza.....77
- Caminhando na floresta.....80
- Conhecendo outros lugares.....88
- Oração à São Miguel.....92

PARTE – II (BÔNUS)

CONTOS DE UMA REALIDADE PARALELA
I – Infestação.....93
II – O duelo.....137

PARTE - I- DO REINO DE OSÍRIS

PREÂMBULO.

Os sacerdotes de Heliópolis, no antigo Egito, consideravam Osíris como dirigente do Tuat ou Mundo Inferior, de Senhor dos Mortos, regente da noite, ou dos reinos sutis, e Rá é seu Chefe Supremo. E, segundo eles, depende do conhecimento espiritual de cada um de nós da natureza dos reinos superiores da existência, para sermos capazes de passar pelos bramidos dos demônios sem cair em seus caldeirões. Durante a cerimônia fúnebre, os sacerdotes orientavam o espírito do morto a dizer: "Destruí a iniquidade por Ti. Não fiz mal a humanidade. Não oprimi membros da minha família. Não pratiquei o mal em lugar de maat (ordem e harmonia). Não causei dor à humanidade. Sou puro. Sou puro. Sou puro". (*Arthur Versluis, "Os Mistérios Egípcios", Círculo do Livro S/A*).

Este livro narra algumas experiências que eu vivenciei, e outras relatadas pelos participantes dos eventos, de contatos com o universo no qual a energia que anima nossos corpos, após a nossa morte física, sobrevive. Apesar de acreditar nesse aspecto extraordinário da vida, recuso-me a vinculá-lo a quaisquer correntes religiosas.

Principalmente as que teorizam formas medíocres de “deuses” inseguros e pouco inteligentes que, desde que foram inventados, vivem possuídos de uma eterna desconfiança de “seus filhos”, testando-os a todo o momento. A ciência já começou a penetrar os mistérios do pós vida, de forma cautelosa e prudente. Quando deixarmos para trás velhas fantasias que nos fizeram acreditar sermos cópias fiéis de “deuses”, e assumirmos a nossa condição verdadeira de ser apenas uma forma a mais na fauna incomensurável do Universo, e trocarmos a palavra “salvação” por evolução talvez possamos emergir do pântano psíquico que estamos mergulhados, para uma forma de espiritualidade superior, onde poderemos entender mais claramente a linguagem do Divino Princípio, do qual verdadeiramente saímos e para onde inexoravelmente caminhamos. Os nomes dos personagens, assim como os locais onde os fatos ocorreram, serão trocados para que sejam preservadas as privacidades dos seus protagonistas. E que o leitor não se esqueça: Este não é um livro religioso/sectário e nem tem a pretensão estúpida e arrogante de procurar estabelecer padrões religiosos para a Verdade. Ela não precisa disso porque ela é definitiva. Nós precisamos reencontrá-la a todo custo. Já a tivemos em nossas mãos há muito e a perdemos. Há centenas de séculos os homens a desvirtuaram transformando-a em fúteis e canhestras manifestações de “religiosidade”. Este é o verdadeiro “pecado original” pelo qual somos

punidos até hoje em nossas jornadas de sofrimento desde a primeira civilização.

Belém do Pará (BR), 24 de janeiro de 2011.

"*Aquele que é sincero age regiamente. Aquele que age regiamente alcança o Divino. Aquele que é Divino está em sintonia com o Tao. Embora o corpo pereça, o Tao jamais desaparece*". Tao-Te Ching.

I- Um pouco do autor.

A maior parte da minha vida fui um cético, apesar disso nunca fui um "ateu", na verdadeira acepção da palavra, e nem acredito que existam tais "figuras". A quase totalidade dos que se definem desse modo fazem apenas "gênero", para posarem de irreverentes para as suas platéias particulares de bajuladores e serem considerados "inteligentes". Todos esses "sábios", ao mencionarem algum objetivo que aspiram na maior parte das vezes, deixam escapar um: "Se Deus quiser".

Nunca fui religioso, apesar de ter sido criado numa família que sempre cultivou os ideais espirituais cristãos. Tive espíritos maravilhosos como pai e mãe, e se não alcancei os objetivos que eles tinham para mim, não foi culpa deles. Devo isso ao meu Karma e ao meu livre-arbítrio, ou seja, à minha própria estupidez. Meu amado pai, grande companheiro de muitas vidas, infelizmente deixou o mundo material quando eu tinha por volta de 22 anos. E dele eu herdei o amor pelos livros que ele tinha, apesar de possuir uma instrução incipiente. Aos 57 anos de idade eu poucas vezes em minha vida vi homens demonstrarem tanta integridade e dignidade como meu velho pai. Eu rogo ao Divino Princípio que o guarde sempre em seu Infinito Amor.

Meus pais, cristãos católicos, foram levados a conhecerem o Espiritismo em meados do século

passado, impelidos, segundo minha mãe, por uma doença persistente que me acometeu, causada por aproximação de uma entidade que, quando encarnada, tinha sido um padre. Eu tinha na época por volta de uns cinco anos.

Nessa ocasião meu pai entrou em contato com um dos pioneiros do Espiritismo em Belém, o major do Exército Brasileiro: Oswaldo Lima Santos. Espírito valoroso e fiel às suas convicções, fundador em 1953 do "Grupo Espírita Boa Vontade" e posteriormente da "Casa Transitória", que teve seus princípios originais desvirtuados pelos que o sucederam. Os dois se tornaram grandes amigos, e o meu pai um colaborador próximo que o acompanhou durante o resto de sua existência terrena.

Sempre fui um espírito inquiridor, insatisfeito com as respostas que eu obtinha dos que eu julgava conhecerem os mistérios do Divino. Padres, pastores e outros tipos de pregadores pseudo-sábios que eu tive contato, apesar da maioria ser constituída de homens bons, corretos e dignos. Eles não tinham respostas para as minhas perguntas. Assim sendo, afastei-me do ambiente religioso e aproximei-me do estudo histórico do passado religioso do homem. Irmãos de espécie e de caminhada, não vou ter a pretensão arrogante e hipócrita de dizer-lhes que encontrei Deus. Mas, sem dúvida nenhuma, a consciência de que ele vive em mim é mais nítida e forte do que qualquer coisa que eu tenha experimentado até hoje.

O bem mais precioso que a Divindade nos deu foi a nossa extraordinária capacidade mental. Devemos zelar por nossas mentes de maneira intransigente e resguardá-la da influência dos predadores astutos da política e da religião que passam a vida a coletar cérebros servis para parasitá-los impunemente. Como Jesus, o Nazareno disse: “Orai e Vigiai!”. O homem sábio é prudente, e ele sabe também que os homens, em sua grande maioria, são astutos e não sábios.

ZELUIZMORALES.

II- Busca pela Espiritualidade.

Durante todo o resto de minha infância e o início de minha adolescência, convivi com os frequentadores do “Grupo” até, mais ou menos, o ano de 1968. Oswaldo Santos já havia falecido em 1964. Mas, muito do que eu presenciei em termos de verdadeiras aulas de Espiritismo temperadas por seus comentários cáusticos à ignorância dos incrédulos que, apesar de serem vítimas constantes de moléstias causadas pela ação de elementos do Universo paralelo chamado “Plano Espiritual” o repudiam cegamente, gravou-se definitivamente no

meu espírito e foi uma espécie de bússola que me orientou, quando me senti impelido a procurar resgatar a minha espiritualidade esquecida durante os tempos em que permaneci afastado do meio religioso.

Mesmo sem ter cursado nenhum curso superior de História sempre fui fascinado pelos relatos dos acontecimentos históricos das civilizações que nos precederam. O que faziam? Em que acreditavam? Quais eram suas aspirações? O que herdamos deles? O que para uns era mais uma matéria "maçante" a ser cumprida no currículo escolar, para mim era um romance maravilhoso e envolvente. Ao observarmos a história dos povos e procurando entendê-la, principalmente quanto ao seu aspecto religioso, estaremos mais aptos a achar a paz de espírito tão necessária para podermos enfrentar e vencer as tempestades que ocasionalmente nos atingem, durante a nossa existência.

Como primeira providência para reintegrar-me no panorama religioso vigente, o Cristianismo e suas diversas correntes, procurei transigir com algumas posições assumidas por mim ao longo de minha vida adulta. Tentei ser um fiel ardoroso da fé que é difundida. Afinal de contas, pensei, não é possível que milhões de pessoas estejam enganadas e apenas uns poucos certos. Com o passar do tempo aprendi que centenas de milhares que professam as diversas correntes são hipócritas de "carteirinha". Outros tantos querem apenas pertencer a uma "turma", para usufruírem dos fúteis benefícios materiais que puderem. Muitos são apenas

indivíduos de mentes fracas. Um pequeno número são de espíritos realmente evoluídos que conheceram a verdade, pregada pelo grande Mestre do ocidente: Jesus de Nazaré, e conseguiram enxergá-la, apesar de quase sepultada debaixo de séculos de dogmas irracionais e outras irrelevâncias pseudo-teológicas, e que se resume em: "Amai a Deus sobre todas as coisas e com todo o vosso entendimento e ao vosso próximo como a vós mesmos". Devemos notar que ele não disse: com toda a vossa "estupidez".

Mas, apesar de possuírem conhecimento, esses poucos são pessoas pacíficas até demais, avessas às polêmicas, e deixam o "barco correr" à vontade, para maior alegria dos espertalhões que pululam no ambiente da fé. E com isso é descartada a possibilidade de evolução espiritual de grandes massas de seres, que ficam milhares de anos à fio presos ao cárcere cruel da reencarnação terrestre. Esses poucos deveriam deixar o seu preguiçoso anonimato, e se engajar no resgate de seus irmãos de caminhada das garras dos abutres que festejam até hoje a execução de um homem, fingindo adorá-lo como Deus, e vivendo refestelados em suas posições de pequenos imperadores grotescos dos seus medíocres reinos parasíticos de mentes desordenadas, ensandecidos pela ganância e autopromoção. O conhecimento é uma graça dada aos homens para que o compartilhem com os seus semelhantes, ajudando-os a evoluir. Por mais caridosos e mansos que sejam os seus detentores, a sua prestação de contas quanto ao não

cumprimento dessa tarefa será rigorosa e implacável. Os Universos são inclementes em suas marchas irresistíveis.

Depois desse decepcionante começo, mudando a forma de abordagem, deixei a minha inspiração aliada ao conhecimento que adquiri guiar-me em minha busca, e não me decepcionei. Logicamente, tive que descartar-me de uma série de preconceitos e melindres comuns a quase todos os homens, por terem sido levados a acreditar serem uma espécie de "criação especial" divina, e olharem tudo o que não combina com esse conceito ridículo com soberano desprezo.

Comecei a observar e aprender. Consegui bons mestres, firmei amizades duradouras, cresci como homem e como espírito. Nas horas angustiantes que todo ser necessita de amparo recebi toda a ajuda possível. Mesmo quando todas as possibilidades eram contrárias a mim, jamais duvidei da vitória quando seguro pelas forças que me ampararam nessas ocasiões. Aceitei com humildade os reveses da fortuna como imperativos do meu karma, ou de minhas decisões erradas. Nunca culpei deuses ou demônios pelos meus infortúnios. Conheci também muitos "picaretas", a maioria pessoas ótimas e agradáveis para conversarmos futilidades e bons companheiros de ocasiões festivas, mas, é melhor não termos negócios com eles. Apesar de não me vincular a nenhuma corrente das que eu frequentei, eu preferi entendê-las e respeitá-las do que frequentá-las por mero hábito. Senti-me atraído por duas correntes que abordam os aspectos espirituais

do Universo: a Umbanda e a sua ligação estreita com as forças da Natureza e o Espiritismo, velho companheiro de infância.

Antes de retornar ao recinto dos centros espíritas, frequentei sessões mediúnicas na casa de amigos, e por intermédio de um deles conheci uma grande amiga e sua família, todos muito queridos por mim, que vivem presentes diariamente em todas as minhas orações. Essa grande amiga é uma grande mestra em minha vida, se eu escutasse os conselhos de minha falecida mãe com a mesma deferência que eu escuto as suas orientações seguramente a minha vida teria sido mais fácil. Em uma de nossas conversas há alguns anos, ao mencionar o carinho que eu tinha por sua pessoa, ela me disse: "Filho, às vezes nós nascemos numa família que não pertence à nossa tribo e vamos encontrando nossos companheiros de tribo, durante a nossa vida, dispersos em outras famílias e somos atraídos por eles devido a laços fraternos que se perdem nas brumas do tempo. Felizes são aqueles que nascem em uma família que pertence à sua tribo."

Eu a conheci através de um primo seu, também um grande amigo. Ele e sua família grandes amigos da família da minha esposa, que por aquelas conexões misteriosas que a existência terrestre aciona, fez com que eu tivesse a boa fortuna de conhecê-la. Faço questão de mencionar uma espécie de sonho premonitório que eu tive às vésperas de conhecê-la.

“Num certo entardecer de maio de 1993, ao adormecer, meu espírito vivenciou os seguintes sucessos: Repentinamente achei-me às margens da grande baía do Guajará, que banha a cidade de Belém, em um ponto em que não havia nenhum muro de arrimo protegendo o terreno da ação das marés. As águas calmas da baía, nesse momento, avançavam preguiçosamente no terreno em que eu me encontrava. Por entre o capim rasteiro à beira da água eu visualizei uma pequena canoa com a proa puxada para o terreno seco, mas que, já o movimento ondulatório das águas ia puxando-a para a corrente, movendo-a de um lado para o outro. As luzes dos edifícios da cidade ao longe já começavam a brilhar, com a chegada da noite. Caminhei até a canoa e sentei-me no banco, mais ou menos, à meia nau. Com o movimento provocado pelo meu peso, o pequeno barco se desprendeu da margem e ficou ao sabor da corrente. Com a singular presteza cênica dos sonhos, o panorama transformou-se e logo, conduzido pela canoa passivamente sem remar, eu estava descendo um braço de rio com a floresta já escura a ocupar as suas margens e sob um céu de sonhos, sem lua, mas semelhante a um veludo azul-marinho onde algum gigante lançou uma profusão de diamantes, tal era o aspecto das estrelas dispersas no firmamento. Num certo momento a canoa abicou em uma das margens.

Diante de mim estava uma casa simples de madeira, com uma varanda, num terreno cercado por uma espécie de paliçada feita de varas. Em pé,

diante de um pequeno portão que dava acesso à varanda estava uma mulher de uma beleza estranha, mais ou menos de meia idade, cabelos longos negros, trajando uma saia como de uma cigana, mas de cores sóbrias e uma blusa branca. Ela autorizou-me a entrar na varanda, sentamo-nos em um pequeno sofá de vime, e tivemos um diálogo que, para não cometer o pecado de não reproduzi-lo fielmente, não vou citá-lo, pois não consegui guardá-lo de memória, a não ser a última frase que ela pronunciou: "A partir deste momento vais ficar bem mais protegido e aprenderás com mais facilidade".

Depois me encontrei nos fundos da casa, numa espécie de barracão de meia parede, feito de madeira bruta, coberto de palhas de palmeira. Eu estava sentado em uma espécie de cadeira ritual, colocada diante de uma espécie de altar, com imagens correspondentes a uma religião desconhecida para mim, mas que passavam uma sensação de segurança e bem-estar. Ao meu lado, em pé, a mulher misteriosa observava alguma coisa sobre o altar que eu não consegui presenciar. Ela encaminhou-se até o mesmo, tomou de cima dele uma espécie de leque e um maracá e, fazendo gestos ritualísticos e murmurando invocações desconhecidas aplicou-me uma espécie de passe magnético que me deixou com uma sensação de força e lucidez mental que continuou por boa parte do dia seguinte. Logo após o passe, o singular sonho dissolveu-se e outros quadros oníricos irrelevantes sucederam-se até o meu despertar".

Só comentei com a minha grande amiga o sonho depois de algum tempo em que a conheci, quando em uma de nossas incontáveis conversas nos finais de tardes, no pátio de sua residência. Conversava-mos sobre formas astrais e trabalhos de resgate na espiritualidade de entidades sofredoras, dos quais ela participava com alguns outros médiuns, todos membros de seu círculo mais chegado de amigos ao qual, hoje em dia, tenho a honra de pertencer.

A partir dessa data, comecei a prestar mais atenção em minhas peregrinações noturnas no astral. E, apesar da forma corpórea diferente que tinha, ao encontrá-la, sempre tive a convicção de que tinha diante de mim, ao conhecê-la, a mesma mulher misteriosa do sonho. Com o passar do tempo tive outras experiências oníricas com ela, mas já em sua forma carnal atual. Numa delas tive o prazer de conhecer o seu marido, que já havia falecido anos antes de eu a ter conhecido. Peço para ela que o Deus dos deuses ou o Grande Princípio a favoreça e a guarde sempre, e a toda a sua família.

Na residência de E, vou chamá-la assim, realizavam-se semanalmente, às sextas-feiras, em uma casa de oração nos fundos de sua casa, sessões de Umbanda, frequentadas pela maioria dos médiuns do círculo já mencionado. Eram sessões de restabelecimento de equilíbrios espirituais dos participantes, com passes magnéticos ministrados pelas entidades que se manifestavam durante os trabalhos e outros procedimentos voltados à cura da

matéria e do espírito, com receitas de remédios diversos, desde banhos até as chamadas "obrigações" para tornar os aspirantes a uma graça mais suscetível de alcançá-la, ou agradecer algum benefício alcançado, ou então, ainda, para furtar-se à perseguição de algum manipulador de energias negativas anulando-as. Os chamados trabalhadores da escuridão, feiticeiros e feiticeiras tanto encarnados como desencarnados. Ocasionalmente algum convidado de algum dos participantes era admitido, mas não eram trabalhos abertos ao público em geral. Eu tive o privilégio de ser admitido por ter sido levado por um amigo, já mencionado, primo de E.

Ao procurarmos o estudo e a compreensão de alguns dos fenômenos que ocorrem, após a morte, à energia dos indivíduos que lhes sobrevive, começamos a perceber que religiosidade nenhuma é mérito evolutivo para nenhuma entidade. Conhecemos padres, freiras, pastores, espíritas, budistas, umbandistas, enfim, praticantes de diversas religiões que vagam na escuridão perseguindo as miragens em que foram levados a acreditar.

Muitos perseguidos cruelmente por antigos discípulos, outros revoltados e mesmo enfurecidos por, após o túmulo, não divisarem as regiões paradisíacas em que foram levados a acreditar que teriam lugares garantidos, caso cumprissem a "palavra do Senhor" que seus mestres "interpretavam" segundo seus próprios interesses

momentâneos. A palavra salvação não possui nenhum sentido após o chamado desencarne.

O objetivo da criação divina é evoluir. A ciência admite que um dia o Universo, assim como teve um início terá um fim e, sua morte produzirá outras formas de sistemas que somos incapazes de imaginar. A palavra correta é EVOLUÇÃO, tudo nos Universos obedecem esta lei. Desde que foi criada a Terra presenciou incontáveis extinções de espécies de incontáveis organismos até que, em algum momento do passado, nosso ancestral comum a outras espécies rastejou de uma espécie de oceano primitivo semelhante a um "caldo de cultura" para a terra seca, onde a evolução, por milhões de anos trabalhou suas formas até esta que possuímos hoje em dia, que muitos tolos acham que um deus sombrio criou do barro, e alegam conhecer-lhe todos os seus propósitos para a criação, e que ele precisa de seus medíocres concursos para executar sua vontade.

Ao pensarem nesse "nível" divino, sua cegueira espiritual ou sua astúcia, criaram na sua psicosfera uma mediocridade como deus, e vão ter que conviver com ele no reino sutil. Irmãos, nem o espírito mais evoluído de todos os Universos já criados, destes em que vivemos, ou de futuros, jamais tiveram, têm, ou terão, a mais incipiente idéia de quem é ou o que seja DEUS. Seria o mesmo que, guardadas as devidas proporções, um microorganismo em uma célula remota de algum órgão de nosso corpo, que para ele seria um Universo infinito, conseguisse formular uma idéia a

respeito da totalidade do nosso organismo e nosso objetivo como espécie.

A respeito deste assunto, convido o leitor a ler o livro: "A TIRANIA DA CRUZ", onde são abordados aspectos históricos do Cristianismo, sua total desvinculação do provável personagem histórico Jesus de Nazaré, e a criação do mítico Cristo.

Uma coisa não se pode negar, "sem a existência do espírito não teriam surgido às religiões." A vida seria como de autômatos biomecânicos sem objetivo. Uma das maiores leis do Universo, a Evolução, não teria razão de existir. Cruel brutalidade e selvageria maior dos seres, sem o controle moderador da ética, que começa na espiritualidade, imperaria em todos os nichos biológicos, principalmente no humano.

A propósito: Já nascemos com Ética e a aperfeiçoamos com nossos pais. Ensiná-la nas escolas é uma perda de tempo, a não ser que seus professores abram suas vidas particulares ao público e provem diariamente que são "éticos". E nós sabemos ser isso impossível. Esses criadores de irrelevâncias deveriam também criar um curso de "honestidade", e o cúmulo do humor negro seria colocar um político para "administrá-lo". O que seria interessante num país como o nosso, uma das diversas "cleptocracias" componentes do "Narcosul", onde sofrer inúmeros processos criminais funciona como currículo abonador para habilitar qualquer vigarista a ocupar algum cargo eletivo.